

*[Handwritten signature]*

## De Pintura e de Amor

Rubem Braga

1000  
Apareceram algumas cartas inéditas de Van Gogh. São escritas na Holanda, quando o artista procurava libertar-se da pintura convencional e fazer sua própria arte. Ele conta ao pintor Van Rappard: "Estou apaixonado, pior que isso, perdidamente apaixonado pela senhora Natureza, ou Realidade. Sinto-me muito feliz depois disso, embora ela não queira saber de mim, e me bata nos dedos quando me arrisco a considerá-la prematuramente como já sendo minha..."

"O que você disse sobre aquela figura de semeador que fiz — que não é um homem que semeia, mas um homem que posa de semeador — é muito verdadeiro... Só daqui a um ano ou dois conseguirei fazer um semeador que semeie..."

Talvez não seja apenas nos sonhos da gente mesmo que devemos procurar nossas verdades mais íntimas. Também nos poemas, sonhos dos outros. De vez em quando me surpreendo repetindo sozinho alguns versos lidos há muito tempo. Eles de súbito me voltam à cabeça, ficam martelando a memória ao longo dos dias, insistentes, às vezes iluminados por um sentido novo.

Passei uns dias murmurando estes versos de Lorca, lidos há muitos anos: "Ay, que trabajo me cuesta — quererte como te quiero! Por tu amor me duele el aire — el corazón — y el sombrero"

Sim, amar dá trabalho. Não apenas o físico e o civil — os deslocamentos, telefones, esperas e providências. Mais do que isso, a fadiga vem da própria emoção. A prova é que, quando se deixa de amar alguém, a gente tem um sentimento delicioso de férias, de liberdade, de descanso.

Há gente feliz, que ama com uma natural preguiça e facilidade — como o funcionário que cumpre suas seis horas de serviço com ligeireza e bom humor, sem se esforçar mais que o necessário, e chega e sai da repartição assobiando. Mas também há o tipo daquela história — o homem que passava o dia inteiro quebrando pedra e passava a noite inteira sonhando que estava quebrando pedra, e acordava exausto para ir quebrar pedra.

"Ay, que trabajo me cuesta..."

Joana, eu acho que vou pedir demissão.

(Da pedreira).

DN  
7/10/69

DN  
Abril 1969